

MARGARIDA CALAFATE RIBEIRO

PHILLIP ROTHWELL (Orgs.)

Heranças pós-coloniais nas literaturas de língua portuguesa



O presente título constitui o quarto volume da coleção «Memoirs – Filhos de Império», que resulta de uma parceria entre as Edições Afrontamento e o projeto de investigação «Memoirs: Filhos de Império e Pós-memórias europeias», do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, com financiamento do Conselho Europeu de Investigação (ERC, Consolidator Grant 648624) no âmbito do Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação Horizonte 2020 da União Europeia.

Heranças pós-coloniais
nas literaturas de língua portuguesa

MARGARIDA CALAFATE RIBEIRO
PHILLIP ROTHWELL (Orgs.)

Heranças pós-coloniais nas literaturas de língua portuguesa

Índice

9 Agradecimentos

- 11 Primeiras palavras
Margarida Calafate Ribeiro e Phillip Rothwell

PARTE UM. MAPAS

- 21 Capítulo 1. O espaço por quem o vive: para uma geocrítica do espaço ficcional na literatura são-tomense
Inocência Mata
- 47 Capítulo 2. Literatura moçambicana: os trilhos e as margens
Francisco Noa
- 59 Capítulo 3. Os anos de pólvora: narrativas sobre a guerra na ficção angolana contemporânea
Tania Macêdo
- 71 Capítulo 4. “Nós, Cabo-Verdianos”: a representação da identidade nos textos literários do século XIX
Ana Cordeiro
- 87 Capítulo 5. Breve panorama da prosa literária da Guiné-Bissau
Moema Parente Augel
- 105 Capítulo 6. Sonhos, sangue, perplexidades, esperança... — um percurso pela poesia da Guiné-Bissau
Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco

PARTE DOIS. RECORTES

- 119 **Capítulo 7. Escrita e monumento: autobiografias em Moçambique**
Rita Chaves
- 133 **Capítulo 8. «Tudo arrasta consigo, como uma sombra, o seu contrário»: sobre *O olho de Hertzog*, de João Paulo Borges Coelho**
Silvio Renato Jorge
- 145 **Capítulo 9. Líderes sanguinários, cães ferozes e a Virgem Maria: o 27 de Maio na literatura angolana**
Dorothée Boulanger
- 157 **Capítulo 10. O desejo de (não) ser: João de Freitas, intelectual binacional**
José Luís Pires Laranjeira
- 167 **Capítulo 11. Heranças de um massacre colonial: cinco notas sobre pós-memória em São Tomé e Príncipe**
Inês Nascimento Rodrigues
- 181 **Capítulo 12. A quase-informação na literatura de Cabo Verde em tempo de censura**
Sandra Inês Cruz
- 193 **Capítulo 13. A revista literária enquanto forma: expressão literária africana do século XX**
Alexandra Reza
- 211 **Capítulo 14. Colonialismo português e castigo público: pacto com o eufemismo**
Nazir Ahmed Can

PARTE TRÊS. TRÂNSITOS

- 229 **Capítulo 15. Anticolonialismo, terceiro-mundismo e a herança da Resistência: a luta de libertação africana explicada aos italianos (1945–1975)**
Vincenzo Russo
- 245 **Capítulo 16. Comunidade afetiva transatlântica: Nicolás Guillén e a poesia revolucionária lusófona**
Raquel Ribeiro
- 263 **Capítulo 17. Uma política da filosofia no pensamento africano: Amílcar Cabral e a metafísica da resistência**
Roberto Vecchi

- 273 **Capítulo 18. As palavras fantasmas de Amílcar Cabral**
Fernanda Vilar
- 291 **Capítulo 19. Viagens na Minha Terra de “outros” ocidentais**
Margarida Calafate Ribeiro
- 309 **Capítulo 20. Imagens de África na literatura portuguesa “pós-Lobo Antunes”:
o olhar da segunda geração sobre a guerra colonial**
Felipe Cammaert
- 323 **Capítulo 21. A Mãe Negra torna-se Mãe Transnacional: a evolução da materni-
dade na literatura angolana de Alda Lara a Djina**
Phillip Rothwell
- 335 **Capítulo 22. Negro por fora, vermelho por dentro — o Teatro Griot**
António Pinto Ribeiro
- 351 **Notas biográficas dos autores**

Capítulo 15. Anticolonialismo, terceiro-mundismo e a herança da Resistência: a luta de libertação africana explicada aos italianos (1945–1975)

VINCENZO RUSSO

Aos antifascistas e aos anticolonialistas africanos,
italianos e portugueses, de ontem e de hoje.

Todos os livros sobre as revoluções começam com um capítulo no qual se descreve a putrefação de um poder decadente ou a miséria e o sofrimento de um povo. E, no entanto, eles deveriam começar com um capítulo com tons psicológicos, em que se descrevesse o momento em que um homem sofrido e apavorado repentinamente derrota o terror; o instante em que ele deixa de sentir medo. É um processo insólito, que por vezes se cumpre num átimo como por uma espécie de choque libertador: o homem desembaraça-se do medo e sente-se livre. Sem este processo não existiria revolução alguma.

Ryszard Kapuściński (2004: 144)

A escala de valores hoje? Eu vejo-a como uma escada de mão... Cada degrau tem um nome: Deus, Pátria, Família, Progresso, Moral evangélica, Liberdade individual, Justiça social, Fraternidade universal, e assim por diante... A minha escada? Queimei-a. Foi na Rússia, se bem recordo, havia a retirada, estava frio. Se bem recordo, deixei de ter escalas de valores. Como é que sei, sem escala de valores, onde quero chegar? Na verdade, não sei, nem quero saber. Basta-me que uma sociedade sem classes é possível, que será melhor do que esta porque, pelo menos, os valores não estarão em contradição entre si, ou estarão em menor contradição.

Giovanni Pirelli (1962a, 201)

O. Val Chiavenna, janeiro de 1945

Aos vinte e seis anos, aquele homem alto e ossudo que costeia a margem do rio Liro e que entrou há algumas semanas na 90.^a Brigada Garibaldi “Zampiero” como comissário político com o nome de batalha “Pioppo” (longo e esguio como um *pioppo*, álamo) é já um sobrevivente. O seu nome é Giovanni Pirelli.¹ Já viu e viveu muitas vidas: rebento da dinastia Pirelli e predestinado pelo pai, Alberto, a chefiar a empresa, jovem tenente do exército italiano na frente albanesa em 1941, delegado do Ministério do Interior no Commissariado para a colonização e migrações internas com sede em Berlim, onde é encarregue de realizar inspeções aos campos dos trabalhadores italianos da Siemens e da I.G. Farben (1941–42), oficial de ligação e intérprete no comando húngaro na trágica Batalha de Estalinegrado (1942–43), e, mais tarde, em França, quando, depois do 8 de setembro de 1943, é capturado porque decide, com outros oficiais, não se unir aos alemães. Agora é um *partigiano* subindo por impérvios trilhos de montanha em direção ao Passo Spluga e talvez ainda não saiba que a experiência da Resistência marcará irrevogavelmente o seu destino de homem e o seu trabalho de intelectual.

1. Milão, junho de 1955

Depois das seis da tarde chegam muitas pessoas, assegura Rossana Rossanda. A Casa da Cultura — fundada no imediato pós-guerra por Antonio Banfi, Raffaele Mattioli, Gian Carlo Pajetta e Elio Vittorini, e presidida por Ferruccio Parri — é um pouco a síntese daquele singular clima de fervor cultural que anima Milão no triénio 1946–48, tornando-se, a par da Livraria Internacional Einaudi (fundada pelo *partigiano* Vando Aldrovandi, também cunhado de Giulio Einaudi), o ponto de encontro da esquerda intelectual e centro de atividade política e cultural: são célebres as passagens de Paul Éluard, de John Steinbeck. Entre os frequentadores assíduos da Via Filodrammatici encontra-se Giovanni Pirelli, ligado por laços de amizade a Vittorini e, em particular, a Angelo Ephrikian, célebre diretor de orquestra, também *partigiano*, a quem Pirelli confiará a direção da Arcophon, a casa discográfica espe-

¹ Fundamentais para a reconstrução da biografia de Giovanni Pirelli: Bermani (2011) e Weill-Ménard (1994).

cializada na música de 1600 e 1700 (Scarlatti, Vivaldi, Boccherini, Gesualdo da Venosa) mas atenta também à música de vanguarda (Maderna, Stockhausen, Nono, Berio). Aliás, é precisamente à longa amizade entre Pirelli e Luigi Nono que se deve a ideiação, no biénio 1965–66, de *A floresta é jovem e cheia de vida*, hipótese de novo teatro musical baseado em textos documentais — cartas, declarações, discursos — que, na intenção dos autores, deviam refletir a experiência subjetiva da participação, frequentemente dolorosa ou fatal, nas lutas de libertação anti-imperialista daqueles anos (Vietname, Cuba, Angola, mas também as revoltas estudantis e as lutas operárias).

Fim de junho. A luz prolongada do dia atrasa o regresso a casa dos milaneses. À entrada da Galleria Vittorio Emanuele, Giovanni Pirelli passeia com o *Avanti!* e o *Movimento Operaio*² debaixo do braço esquerdo. São seis da tarde. Voltou há alguns dias de Helsínquia, onde foi eleito membro dirigente do Comité para a Paz. Em breve partirá novamente para Roma, onde vive há alguns anos com a mulher e os dois filhos. Reflete sobre estes últimos 10 anos. Pensa no seu pai³ e, por um instante, no desprezo da mãe. Tentou voltar à Pirelli, onde trabalhou até 1948, cortou e retomou — com dificuldade — as relações com a família, que não perdoa ou simplesmente não aceita as escolhas políticas e de vida de Giovanni, que, em 1946, comunicou ao pai estar inscrito no Partido Socialista.

A história da minha vida, a partir da guerra, não é senão a história de alguém — de origem burguesa, de formação intelectual — que procura uma resposta à questão: de que lado estou? Do lado dos patrões ou do lado oposto? Porque, no meio, com um pezinho dum lado, um pezinho do outro, não se pode estar. (Pirelli, 1972: 10–11)

O casamento, o debut no jornalismo (o *Avanti!*, precisamente) e depois nas letras (os contos e os romances), a passagem napolitana no Instituto para os Estudos Históricos e a colaboração com Federico Chabod, a militância política que se concretiza com a entrada na redação da revista *Movimento Operaio*, a cuja orientação crítica se deve a tentativa teórica de conciliar historiograficamente a “pequena história” com a “grande História”, que será exemplificada nos volumes da Einaudi das

² O diário *Avanti!*, fundado em 1896, é o jornal histórico do Partido Socialista Italiano (PSI). A revista *Movimento Operaio*, fundada em Milão em 1949 e publicada pela Editora Feltrinelli, é o órgão que publica investigações sobre os movimentos do proletariado italiano.

³ Sobre a complicada relação entre pai e filho veja-se, por exemplo, Pirelli e Pirelli (2002).

Lettere dei condannati a morte della Resistenza italiana ed europea (1952 e 1954). Recorda Piero Malvezzi, cúmplice e coeditor daqueles livros que marcarão várias gerações de leitores em Itália e na Europa, e o “não” seco com que respondera à proposta do amigo de fazer com que o prefácio das *Lettere dei condannati a morte della Resistenza italiana* fosse escrito por Benedetto Croce. Escreve Malvezzi: «Todo o trabalho assumiria um relevo de primeiro plano»; replica Pirelli: «E se, depois, politicamente o prefácio não funciona (p. ex., desabafos anticomunistas de Don Benedetto) estragamos tudo o resto. Não achas?» (*apud* Solaro, 2008: 42). Passeia pelas ruas de Milão e compara a cidade em que vivia e estudava com aquela que deixou por Roma, onde viverá até 1957: a atmosfera da cidade tinha mudado, a euforia do pós-guerra tinha dado lugar à reconstrução de uma sociedade “queimada pela especulação”, às tensões da guerra fria, a um certo ambiente cinzento que Franco Fortini descreve verdadeiramente bem:

Da janela via telhados, fumos de uma Milão velha, semidestruída, e depois nova. Eram invernos profundos, árduos. As ruínas em nosso redor, como a alegoria de uma possível remissão, desapareciam para dar lugar a uma cidade opulenta e mesquinha. Desaparecia a Itália popular orgulhosa das suas chagas que outrora se tinha descoberto e amado a si mesma entre resistência e pós-guerra. (Fortini, 1973: 12)

2. Nova Iorque, 14 de dezembro de 1955

No Palácio de Cristal, naquele dia Itália e Portugal tornam-se oficialmente Estados membros da ONU. Porém na ordem do dia há também uma outra e bem mais importante discussão: a da questão argelina que cerca de um ano antes tinha emergido em toda a sua complexidade militar e geopolítica, quando a Frente de Libertação Nacional argelina (a 1 de novembro de 1954) dera início às hostilidades — que durariam quase uma década — contra o exército dos ocupantes franceses.

A descolonização é sempre um fenómeno violento, afirmará alguns anos mais tarde Frantz Fanon.

3. Milão-Tunes, 1959–1960

Nestes anos Giovanni Pirelli viaja frequentemente como membro dirigente do Comité para a Paz de Helsínquia: Oriente, URSS, Egito e também Norte de África. Em Tunes conhecerá de perto o drama da guerra da Argélia: exilados, militantes, órfãos de guerra. O envolvimento ideológico e emotivo com os eventos argelinos, se é comum a grande parte dos intelectuais da esquerda europeia, em Pirelli torna-se participação ativa. A reivindicação de independência de um povo colonizado é considerada não apenas, banalmente, “causa” à qual aderir em nome de um terceiro-mundismo e de um anti-imperialismo de fachada a que se acomoda mais tarde uma certa esquerda europeia, mas praxe histórica e conceptual de libertação das opressões económicas, políticas e culturais.

Não é uma casualidade que o apoio ao povo argelino em luta apoiado pelos contactos com o *réseau* Jeanson — a rede de militantes franceses que ajudavam logisticamente e financeiramente a Frente de Libertação Nacional (FLN) argelina — se traduza, para Giovanni Pirelli, acima de tudo em iniciativas culturais (nunca dissociadas do apoio financeiro) que tenham como objetivo principal inverter o ponto de vista da narração política e militar: a guerra e, portanto, a colonização, tinha que deixar de se dizer, de ser narrada (principalmente à Europa e ao Mundo) pela França: a guerra não é a sua versão francesa. À estratégia de De Gaulle, que no biénio 1958–59 reforça a repressão e propõe o célebre referendo, a FLN responde com a instauração do Governo Provisório da República Argelina (GPRA), uma espécie de governo no exílio dirigido por Abbas e com base em Tunes. Naquele contexto nascem *I racconti dei bambini d’Algeria* [As histórias das crianças da Argélia], como resultado do trabalho conduzido com o comediógrafo francês Jacques Charby, com quem Giovanni visita os infantários de Tunes onde eram acolhidas as crianças argelinas refugiadas, os órfãos de guerra. A “pequena história” dos testemunhos das vítimas sobreviventes da guerra deve iluminar, para Pirelli, a parte obscura da “grande História” que, de outra forma, ninguém seria capaz de restituir e recordar. Nesse mesmo sentido vai a ideação e organização de um volume publicado pela Maspero em França e pela Einaudi em Itália, que Pirelli edita com Patrick Kessel: *Le peuple algérien et la guerre. Lettres et témoignages 1954–1962* [O povo argelino e a guerra. Cartas e testemunhos 1954–1962]. Jean-Paul Sartre, que Pirelli frequentava neste período, reconhecerá a este volume o mérito de ter invertido o ponto de vista sobre a guerra, escrevendo no artigo “Giovanni Pirelli nous à dit pourquoi il a écrit *Le peuple algérien et la guerre*” [Giovanni Pirelli contou-nos porque escreveu “O povo argelino e

a guerra”], publicado no *Alger Républicain* (9 de abril de 1963): «A literatura argelina em 1958–1959 era vasta e abundante, mas dava um ponto de vista francês, quer os autores fossem pela Argélia francesa, quer fossem militantes pela independência» (Sartre, 1963).

4. Roma, março de 1959

Em março de 1959, Frantz Fanon está em Roma para falar no 2.º Congresso de Escritores e Artistas Negros, organizado pela revista francesa *Présence Africaine* (26 de março–1 de abril). Naquela ocasião, Fanon — já célebre médico e psiquiatra das Antilhas francesas, que tinha publicado em 1952 *Peau noire, masques blancs* sobre a alienação psicanalítica do indivíduo colonizado, e membro do GPRA — encontra uma delegação do MPLA (o Movimento Popular de Libertação de Angola, de origem marxista-leninista) composta por Mário de Andrade, seu secretário-geral, escritor e redator da *Présence Africaine*, Viriato da Cruz e Lúcio Lara, líderes do independentismo angolano contra o colonialismo português. O encontro num café de Roma, à margem dos trabalhos do congresso, foi clandestino: Fanon tinha saído ileso do duplo atentado do grupo de extrema-direita “Le Main Rouge”, organização dos colonialistas franceses (Cherki, 2005). À luz da sua experiência de luta nas fileiras da FLN argelina, a ideia de Fanon era a de promover a luta armada onde quer que a situação o permitisse: uma ideia que evoca, em muitos aspetos, o debate que se desenvolverá pouco depois na América Latina, se se pensar no *foquismo* cubano de Che Guevara. Para Fanon, uma “segunda Argélia” teria sido possível precisamente em Angola, país de forte penetração branca, onde a tensão entre colonizados e colonizadores se tornou explosiva, ao mesmo tempo que está ainda em curso a guerra da Argélia e existe no Congo uma situação em movimento. A ideia da divisão do imperialismo em África, que o ataque argelino de certa forma antecipava, era entendida por Fanon como momento necessário de libertação continental: era, portanto, neste sentido que ia a exortação aos nacionalistas angolanos para que trabalhassem na abertura imediata de uma nova frente de guerra contra um outro país da NATO, Portugal justamente, mostrando as contradições do imperialismo ocidental da NATO.

No outono daquele ano, passa pelas mãos de Giovanni Pirelli um pequeno volume de Frantz Fanon publicado em Paris alguns meses antes: *La Sociologie d'une*

révolution (L'an V de la Révolution algérienne). A este texto se deve a génese do interesse de Pirelli pelo pensamento anticolonialista de Fanon e

os estímulos e interrogações eram tais, que me levaram, entre o fim de 1960 e o início de 1961, e com o consentimento da editora Einaudi, a procurar um contacto com o autor de *L'An V*. Fanon estava em Tunes. (Pirelli, 1962b: 6)

5. Luanda, fevereiro de 1961; norte de Angola, março de 1961

O início da Guerra Colonial em território angolano, apesar do antecedente importante da revolta da Baixa do Cassange, é marcado por duas datas (4 de fevereiro e 15 de março de 1961), em que pela primeira vez se desencadeiam operações armadas contra o exército colonial português com o propósito claro de iniciar uma luta pela independência. O dia 4 de fevereiro tinha visto como protagonista da ação contra alguns baluartes do poder colonial em Luanda (prisões, quartéis, aeroporto, correios) um grupo de cento e cinquenta angolanos, na maioria recrutados entre o semiproletariado da região Icolo Bengo, e nem todos pertencentes aos movimentos de libertação. O seu objetivo era libertar os prisioneiros políticos e conseguir armas de fogo.

A ação de 15 de março, sob a responsabilidade da UPA (a União das Populações de Angola, de matriz tribalista e racista, além de fortemente anticomunista), é de tipo completamente diferente: em primeiro lugar, pela vastidão da região envolvida na sublevação que afetou toda a área a norte da estrada Luanda-Salazar-Catumbela-Negage-Sanza, grande como Portugal continental inteiro; depois, pelo tipo de violência indiscriminada e pela ferocidade bárbara dos processos usados contra os brancos, contra os mestiços, bem como contra os negros que trabalhavam ao serviço dos brancos.

A resposta óbvia e completamente icástica do ditador Salazar foi sintetizada numa célebre frase: «Para Angola, rapidamente e em força». A Guerra Colonial, ou invertendo a perspetiva, a guerra de independência da dominação colonial portuguesa em África foi combatida em três frentes (Angola, Moçambique e Guiné-Bissau) pelos movimentos nacionalistas durante cerca de treze anos, de 1961 a 1974, quando a Revolução dos Cravos que eclodiu em Lisboa a 25 de Abril de 1974 — um

“outro” (a par do italiano) 25 de Abril de Liberdade! — decretou a queda do regime ditatorial de Salazar/Marcelo Caetano (1933–1974) e o fim do colonialismo lusitano.

6. Roma, agosto de 1961

O pensamento de Fanon, não apenas o exclusivamente anticolonialista — porque é conhecido o fascínio exercido pela teoria psiquiátrica fanoniana sobre Pirelli —, a experiência tunisina, as reivindicações independentistas da Argélia, mas também de cada Terceiro Mundo contra a opressão imperialista (em África, na América Latina, na Ásia), e depois a convicção de que aquele método historiográfico de reconhecimento e restituição da voz testemunhal, aplicado aos *partigiani* italianos e da Europa, como aos órfãos de guerra argelinos ou aos milicianos anticolonialistas, transforma um mero trabalho filológico em praxe política empenhada em resgatar do silêncio da História a palavra dos últimos, gramscianamente designados *subalternos*: tudo isto conota o anticolonialismo e o anti-imperialismo de Pirelli, que representam, mais do que um novo início (uma nova frente aberta de batalhas teóricas), um prosseguimento da atividade política e de pensamento que permite ler em contraponto a Resistência e a sua experiência contra os fascismos europeus, e as lutas de libertação do Terceiro Mundo. São palavras decisivas, as que se leem no texto “*Lettera a giovani che conosco e ad altri che non conosco*” [Carta aos jovens que conheço e aos outros que não conheço], Introdução da edição escolar das *Lettere della Resistenza europea* [Cartas da Resistência europeia], quando Pirelli, com extrema lucidez, liga a experiência histórica da Resistência às lutas do presente, inexauríveis enquanto existirem “explorados e exploradores”:

Lembrem-se que a Resistência não acabou com a derrota do fascismo. Continuou e continua contra tudo o que sobrevive daquela mentalidade, daqueles métodos; contra todo e qualquer sistema que dê a poucos o poder de decidir por todos. Continua na luta dos povos sujeitos ao colonialismo, ao imperialismo, pela sua efetiva independência. Continua na luta contra o racismo. Em suma, enquanto houver exploradores e explorados, opressores e oprimidos, quem tem muito e quem morre de fome, haverá sempre que escolher de que parte estar. (Pirelli, 1969: 8)

A uma mesa do *Café de la paix* em Roma, dois homens e uma mulher discutem. Fanon acabou de pedir a Jean-Paul Sartre, acompanhado por Simone de Beauvoir, que escrevesse o prefácio a *Les Damnés de la Terre* que sairá em novembro daquele ano, um mês antes da morte de Fanon em Washington, a 6 de dezembro (Beauvoir, 1963; Zahr, 1974; Russo, 2011).

Também Pirelli — que tinha lido há pouco o artigo “*De la violence*”, o primeiro capítulo de *Os Condenados da Terra*, no número 181 de *Temps Modernes* — encontra Fanon (será a última vez, ainda que a correspondência entre eles continue até à morte deste último), naquela que é a ocasião decisiva para elaborar um projeto de divulgação e difusão capilar em Itália das obras do pensador antilhano: Pirelli escreve a quente a nota biográfica para a edição da Einaudi de *I dannati della terra*, publicada em 1962, organiza a publicação de *Sociologia della rivoluzione algerina* [Sociologia da revolução argelina], e mais tarde, em 1966, o perfil de Fanon em *I protagonisti della storia universale* [Os protagonistas da história universal].

As grandes lutas, as experiências realmente revolucionárias, nunca são experiências fechadas em si mesmas. [...] Só agora começamos a compreender o quanto, por múltiplas vias subterrâneas, um pouco por toda a parte, a experiência argelina prolifera. E sobretudo assume um peso enorme a obra e o pensamento de Fratz [sic]. Sabes? hoje, em Itália, discute-se Fanon com o mesmo fervor com que se discute Lenine. (Pirelli *apud* Scotti, 2018: 155)

Pirelli (1971) ocupa-se ainda da edição dos dois volumes das *Opere Scelte* [Obras escolhidas] de Fanon também para a Einaudi.

7. Milão, janeiro de 1963

A pouco mais de um ano da morte do autor de *Os Condenados da Terra*, Giovanni Pirelli funda o Centro de Documentação Frantz Fanon consagrado ao estudo dos países do Terceiro Mundo. A finalidade do Centro era fornecer informações e documentação sobre todos os países em luta contra o imperialismo ocidental, o mais precisas e detalhadas possível e que contribuíssem para colmatar um vazio de informações sobre aqueles mundos, que lamentavelmente caracterizava também as várias vertentes da esquerda italiana — do Partido Comunista Italiano (PCI)

e do Partido Socialista Italiano (PSI) aos sindicatos —, que somente a partir desse momento, com as devidas exceções, farão um esforço de aproximação às causas terceiro-mundistas.

Entretanto, no ano anterior, em 1962, acontece algo de importante na vida de Pirelli, que prepara o terreno a esta nova iniciativa: Giovanni torna-se diretor das Edizioni Avanti! num contexto de progressivo afastamento da editora relativamente às posições do Partido Socialista do qual tinha sido o órgão ortodoxo do trabalho editorial nos primeiros anos do pós-guerra. A rutura, provocada também pela publicação dos primeiros números de *Quaderni Rossi*,⁴ é inevitável e conduzirá à cisão definitiva, com a criação do Partido Socialista Italiano de Unidade Proletária (PSIUP). As Edizioni Avanti! tornam-se porta-voz, em Itália, não apenas do operarismo e do internacionalismo, mas também das posições críticas do anti-imperialismo e do terceiro-mundismo. Dois volumes paradigmáticos desta história — que se contam aqui em traços largos — saem respetivamente em 1962 e 1963: o primeiro é *La conga con Fidel*, do poeta turco Nazim Hikmet, sobre os episódios triunfantes da revolução cubana, organizado por Joyce Lussu, admirável figura de mulher, de militante e de intelectual que às lutas dos povos do sul do mundo e às suas culturas (em especial a Angola e a Moçambique, tradutora de Agostinho Neto e José Craveirinha) dedicou grande parte do seu trabalho; o segundo é *Dossier sul Portogallo* que, com prefácio de Alberto Mondadori, Dante Bellamio (1963) — jornalista e mais tarde colaborador do Boletim do Centro de Documentação Fanon — dedica ao regime salazarista e à sua política colonial.

O Centro de Documentação Frantz Fanon (CDFF), cujos principais expoentes, além de Pirelli, são Romano Alquati, Franco Borelli, Savino D'Amico e Sergio Spezali, funciona como instrumento para o conhecimento dos movimentos de libertação na Ásia, África e América Latina, devendo ser capaz de proporcionar fontes diretas dos centros de guerrilha, sem mediações ocidentais. Como recorda Cesare Bermanni, Giovanni concebe o Centro como um instrumento de serviço e este tornar-se-á, em poucos anos, a maior biblioteca e hemeroteca especializada do país. Nas palavras de Borelli:

Ativado o Centro, o interesse é tal que é frequentado por uma multidão: estudantes, professores, curiosos, investigadores. [...] Começa a tornar-se

⁴ Foi uma revista histórica da esquerda italiana publicada em apenas seis números, entre 1961 e 1966. Além do diretor Renato Panzieri, faziam parte do grupo intelectuais como Mario Tronti, Alberto Asor Rosa e Massimo Cacciari.

também um centro de atividade política. Mistura-se a atividade de documentação com a ajuda política a alguns países em luta pela independência. (*apud* Love, 2014: 13)

Enfim, mais uma vez o CDFF tem por objetivo reforçar a «a ligação existente, para lá das adesões sentimentais, entre as lutas de classe nos países desenvolvidos e as lutas de libertação nacional conduzidas pelas massas colonizadas» (Borelli *apud* Love, 2014: 13).

A par da atividade de contrainformação, existe ainda a de ajuda, de vários tipos, aos movimentos de libertação e à resistência grega empenhada contra o regime dos coronéis. Nesta atividade, Giovanni pôde contar com um grupo de militantes milaneses dos partidos de esquerda que nos últimos dois anos da guerra da Argélia se tinham prodigalizado a título pessoal a favor dos *refractaires* franceses e do povo argelino «não apenas para o apoio material mas de especial modo para poder conduzir análises e estudos o mais documentados possível sobre as perspectivas políticas dos países do terceiro mundo» (*Quaderni Piacentini*, 11, Julho-Agosto 1963: 45). O Centro publicou um boletim informativo policopiado semanal, que se tornará mensal a partir do número 15/16 de novembro-dezembro de 1964 até ao número 3/4/5 de setembro de 1965.

A atividade podia contar também com a solidariedade de grupos de esquerda empenhados noutros problemas. Sergio Bologna recordou bem o clima da esquerda na Milão de então:

tínhamos relações de solidariedade recíproca até com gente que não tinha nada que ver com a nossa linha [a da revista *Classe operaia*]: até com os “marxistas-leninistas”, com os chineses, com os Regis, imagina que distância, e no entanto havia relações e eram muito boas. [...] Se precisávamos de um favor pedíamos e vice-versa. [...] Passava muita gente por Milão, até personagens que se iriam sacrificar nas selvas tropicais. Quando passavam por Milão recebiam-se em casa. [...] Era um mecanismo de solidariedade, de ajuda recíproca entre camaradas, que tinham visões políticas completamente diferentes, mas estavam unidos por um igual desejo de mudar o estado presente das coisas. (Bologna *apud* Trotta e Milana, 2008: 725)

8. Treviglio (Bérgamo), maio de 1964

O Centro organiza um seminário internacional que tem como tema as “Lutas de emancipação das classes exploradas nos países dominados pelo imperialismo”, no qual participarão setenta militantes e estudiosos provenientes de todo o mundo. Entre os líderes de relevância internacional dos movimentos africanos de libertação que estão presentes, destaca-se, pelo prestígio revolucionário e teórico, Amílcar Cabral, fundador do PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde) e pensador de primeiro plano do anticolonialismo no mundo de língua portuguesa.

A intervenção de Cabral viria a suscitar um enorme interesse e a ter uma vasta difusão internacional porque, pela primeira vez, estava a ser conduzida uma análise profunda da estrutura social da Guiné, porventura, naquele momento, a mais esquecida colônia portuguesa em África. Num contexto de consolidação da luta armada contra o exército português, as viagens de diplomacia cultural e política de Cabral, como também as dos outros líderes dos movimentos africanos — recorde-se *en passant* a memorável audiência concedida pelo papa Paulo VI a Cabral, Marcelino dos Santos (da Frente de Libertação de Moçambique) e Agostinho Neto (do MPLA) em julho de 1970, que comprometeu irremediavelmente as relações entre o catolicíssimo Portugal e o Vaticano —, tinham uma função estratégica: não apenas o desenvolvimento e reforço das relações com as forças anticolonialistas e anti-imperialistas emergentes no mundo ocidental mas, em especial, o reconhecimento institucional do próprio partido e da luta por parte dos organismos internacionais (ONU e OUA — Organização da Unidade Africana). A parábola do CDFF tinha tocado o ponto mais alto do seu prestígio estratégico e geopolítico nacional e internacional: nos anos sucessivos, e a despeito dos esforços, inclusivamente financeiros, de Pirelli para manter a autonomia da sua criatura face às tentativas de aproximação à órbita dos partidos da esquerda italiana, o Centro fecha as suas portas para renascer alguns anos mais tarde com o nome de Centro de Investigação dos Modos de Produção. Uma história chegava ao fim.

9. *Annus horribilis*: 1973

A 20 de janeiro, morre Amílcar Cabral num misterioso atentado em Conakry encomendado pelos serviços secretos portugueses; a 3 de abril morre Giovanni Pirelli num trágico acidente de automóvel no percurso Genova-Sestri Levante. Mais uma história chega ao fim. Ou, pelo menos, assim parece. Cabral deixava como testamento político estas palavras:

Nenhum crime, nenhuma força, nenhuma manobra ou demagogia dos criminosos agressores colonialistas portugueses será capaz de parar a marcha da História, a marcha irreversível do nosso povo africano da Guiné e Cabo Verde para a independência, a paz e o progresso verdadeiro a que tem direito. (*apud* Sousa, 2011: 523)

Pirelli deixava às futuras gerações de italianos, na já citada Introdução às *Lettere della resistenza europea*, um aviso que é também uma esperança:

Comecemos, antes, dizendo que ser morto é sempre mau. Mau para quem acaba morto e mau para o outro, que está do outro lado, e que mata. O sentido da vida está na alegria, não na dor e no luto. [...] Sacrificar-se faz sentido, contudo, numa única condição: que nos sacrifiquemos, que se morra, para que sobrevenha uma sociedade humana onde o sacrificar-se já não faça sentido; onde matar seja, em qualquer caso, sempre uma infâmia e ser morto uma tragédia. (Pirelli, 1969: 9)

10. Lisboa, 25 de abril de 1974–Milão, junho de 1975

O golpe de estado dos militares que passou à história como Revolução dos Cravos decreta o fim da ditadura fascista em Portugal e a conclusão do último império colonial da Europa. Entre 1974 e 75, Guiné-Bissau e Cabo Verde, Moçambique e Angola declaram a própria independência como Estados nacionais soberanos. Portugal retorna, ainda que problemáticamente, à vida democrática.

Uma história que se concluía tem o seu epílogo mais uma vez em Milão, onde em junho de 1975 se constitui o Comité Anti-imperialista Cabral que visa atuar para

que a componente internacionalista garanta uma relação correta entre as lutas da classe operária do nosso País e as lutas dos Povos que combateram vitoriosamente ou estão ainda hoje lutando contra o imperialismo. Angola declarará a sua independência a 10 de novembro de 1975. A vida quotidiana em Milão no tempo da revolução mundial não chegou ainda à sua conclusão.

Referências bibliográficas

- Beauvoir, Simone (1963), *La Force des choses*. Paris: Gallimard.
- Bellamio, Dante (1963), *Dossier sul Portogallo*. Milano: Edizioni Avanti!.
- Bermani, Cesare (2011), *Giovanni Pirelli: un autentico rivoluzionario*. Pistoia: Centro di documentazione di Pistoia.
- Cherki, Alice (2005), *Frantz Fanon: A Portrait*. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- Fortini, Franco (1973), *Dieci inverni, 1947–1957. Contributi ad un discorso socialista*. Bari: De Donato.
- Kapuściński, Ryszard (2004), *Shah-in-Shah*. Milano: Feltrinelli.
- Love, Rachel E. (2014), “Anti-Fascism, Anticolonialism and Anti-Self”, *Interventions, International Journal of Postcolonial Studies*, 17(3): 343–359. DOI: <https://doi.org/10.1080/1369801X.2014.991418>.
- Pirelli, Alberto; Pirelli, Giovanni (2002), *Legami e conflitti. Lettere 1931–1965*, in Elena Brambilla Pirelli (org.). Milano: Archinto.
- Pirelli, Giovanni (1962a), “Giovanni Pirelli”, in A. Ettore Albertoni, Ezio Antonini, Renato Palmieri (orgs.), *La generazione degli anni difficili*. Bari: Laterza.
- Pirelli, Giovanni (1962b), “Presentazione”, in Frantz Fanon, *Sociologia della rivoluzione*. Torino: Einaudi, 5–6.
- Pirelli, Giovanni (1969), *Lettere della Resistenza europea*. Torino: Einaudi.
- Pirelli, Giovanni (1971), *Opere scelte di Frantz Fanon*. Torino: Einaudi.
- Pirelli, Giovanni (1972), *Giovannino e i suoi fratelli*. Milano: Fabbri.
- Russo, Vincenzo (2011), “L’anno 1961: dell’Angola o i figli disinvolti di Frantz Fanon”, *Altre Modernità. Rivista di studi letterari e culturali*, 6: 1–16.
- Sartre, Jean-Paul (1963), “Giovanni Pirelli nous a dit pourquoi il a écrit ‘Le peuple algérien et la guerre’”, *Alger Républicain*, de 9 de abril.
- Scotti, Mariamargheirta (2018), *Vita di Giovanni Pirelli. Tra cultura e impegno militante*. Roma: Donzelli.
- Solaro, Gabriella (2008), “Nel laboratorio delle *Lettere di Condannati a morte della resistenza italiana e europea*”, in Gabriella Solaro (org.), *Il mondo di Piero. Un ritratto a più voci di Piero Malvezzi*. Milano: Franco Angeli, 33–45.

- Sousa, Julião Soares (2011), *Amílcar Cabral (1924–1973). Vida e morte de um revolucionário africano*. Lisboa: Vega.
- Trotta, Giuseppe; Milana, Fabio (orgs.), (2008), *L'operaismo degli anni Sessanta da «Quaderni rossi» a «Classe operaia»*. Roma: DeriveApprodi.
- Weill-Ménard, Diane (1994), *Vita e tempi di Giovanni Pirelli*. Milano: Linea d'ombra.
- Zahr, Renate (1974), *Frantz Fanon: Colonialism and Alienation. Concerning Frantz Fanon's Political Theory*. New York: Monthly Review Press.